

## RESGATANDO IDENTIDADES: REGISTRO ETNOGRÁFICO DE VAQUEIROS SOBRE O TRATAMENTO DE AFECÇÕES

Leticia Barbosa de Queiroz <sup>1</sup>  
Érica Caldas Silva de Oliveira <sup>2</sup>

### RESUMO

A figura do vaqueiro, cantada em verso e prosa, representa para além da tradição um ícone da conquista dos sertões nordestinos. Homem forte que desbravou as áridas terras e vegetação da caatinga, a procura do gado que se perdia nos sertões. Associada á figura do vaqueiro tem-se as competições de vaquejadas, práticas culturais destacadas na região Nordeste do Brasil, tais práticas se modificaram ao longo do tempo, contudo, o vaqueiro ainda representa esta identidade para a região. Considerando abordagens etnográficas, objetivou-se com este estudo identificar no saber de vaqueiros, que recursos foram e são normalmente utilizados para tratamento dos animais e dos próprios vaqueiros quando estes sofrem lesões ao se exporem a vegetação xerófila e com espinhos. Utilizou-se a técnica de entrevistas abertas e livres, em que os atores sociais tiveram liberdade em expressar sua vida no campo, aplicando-se posteriormente um questionário com a finalidade de coletar dados sociais dos vaqueiros. Os resultados apresentados revelaram que os vaqueiros têm um grande saber apreendido a medida em que exercem seus ofícios e que fazem uso de plantas, animais e outros recursos para tratar suas lesões, bem como dos animais que se machucam durante a pega do boi. Entre as plantas mais citadas destacam-se: *Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir (jurema – preta) e *Pilosocereus gounellei* (A. Webw. ex K. Schum.) Bly. ex Rowl. (alastrado). A despeito das mudanças que ocorreram nas práticas de vaquejadas e pegas de boi, a figura do vaqueiro ainda é muito tradicional na região Nordeste do Brasil.

**Palavras-chave:** Pega de boi, Tradição, Vaquejadas.

### INTRODUÇÃO

Considerado uma figura emblemática da cultura nordestina o vaqueiro representa uma entidade no processo de ocupação histórica dos sertões da região Nordeste.

O espaço de ocupação geográfica na região dá-se primeiramente pela faixa litorânea com a produção da cultura canavieira, estabelecendo importante ciclo econômico do Brasil colônia entre os séculos XVI e XVIII (FREIRE, 1967). Contudo, para o interior do Nordeste com seus ciclos intermitentes de chuva e com uma vegetação adaptada as condições de semiaridez, desbravar estas terras se constituiu em um processo mais lento de colonização, criando estradas de boiadas, desbravando as áreas de caatinga, formação vegetal característica

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, [leticiabqueiroz@hotmail.com](mailto:leticiabqueiroz@hotmail.com);

<sup>2</sup> Doutora – Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Biologia, UEPB, Campina Grande, PB, e-mail: [erica.caldas\\_8@hotmail.com](mailto:erica.caldas_8@hotmail.com)

da região e criando os pousos e currais, como bases para o estabelecimento das primeiras boiadas (QUEIROZ, 2010).

Foi o vaqueiro, a figura humana de acordo com Queiroz (*op cit.*), o responsável por esta lenta e esplêndida marcha mugida e aboiada pelos sertões, pela civilização do couro e depois do pastoreio.

Este homem que pode ser considerado a maior escultura viva erigida até hoje nos sertões do Nordeste e de outras regiões do Brasil; este homem que singrou cada palmo de chão à procura de pastos bons e maiores para a criação de gado vacum que, com o rebanho se avolumando, já não podia viver beirando a orla, soube que imprescindível era, portanto, descortinar o horizonte longínquo do sertão; esta escultura humana, que ampliou a geografia da então colônia trocando o canavial pela caatinga e a roupa de algodão pela roupa de couro, de que se vestiu da cabeça aos pés; a esta escultura – figura emblemática do sertão e nordeste brasileiro –, chamo-a: O VAQUEIRO, (QUEIROZ, p. 75, 2010).

Passa a ser função do vaqueiro e não do fazendeiro sair pelos campos, pelas vastas extensões de terra, aprendendo a dominar técnicas da “pega do boi”, do chamado da boiada, do lidar com uma natureza hostil e incerta, tratar de suas doenças e das doenças do gado quando se encontravam na caatinga fechada, a procura de reses perdidas, garrotes bravios que se desgarravam do bando.

Neste caminho histórico e cultural que construiu o cenário dos processos de colonização dos sertões nordestinos, o vaqueiro se torna um ator social importante na nossa tradição, uma figura sobre a qual se constrói lendas e crenças históricas (RIBEIRO, 1998).

Ao adentrar as matas densas ou ralas o vaqueiro também vai apreender conhecimento sobre uso de plantas, animais e outros materiais que podiam ser utilizados nas suas práticas de cura, uma vez que, estes vaqueiros necessitavam permanecer dias afastados de casa, construindo e transmitindo saberes passados as gerações futuras. A figura tradicional do vaqueiro se encontra ainda muito presente em alguns rincões do Nordeste brasileiro. Entretanto, nos dias de hoje esse vaqueiro é também aquele que participa de encontros de vaquejada, prática da derrubada de boi, comum em festas tradicionais da região (ABVAQ, 2017).

Face a este contexto e considerando a relevância de resgatar um pouco da história do vaqueiro nordestino, essa pesquisa buscou analisar na perspectiva deste ator social, os meios pelos dos quais os vaqueiros cuidam de suas lesões ou de lesões nos animais resultantes da lida de seu ofício, através de seus registros etnográficos.

## METODOLOGIA

### *Local do Experimento*

O estudo foi realizado no período de abril a outubro de 2019, na zona urbana do município de Santa Cruz do Capibaribe – PE e zona rural do município de Brejo da Madre de Deus – PB.

Santa Cruz do Capibaribe encontra-se a 7° 56' 32" Sul e 36° 13' 54" a Oeste dos meridianos no agreste do estado de Pernambuco (Figura 1), distando cerca de 185,7 Km de Recife a capital do estado. Sua população em 2017 era de 105.761 habitantes (IBGE, 2010). Cidade que deu certo (fenômeno conhecido como Milagre da Sulanca) no Polígono das Secas, Santa Cruz, além de uma cidade polo, é a maior produtora de confecções do estado de Pernambuco, segundo o SENAI e a 2ª maior produtora de confecções do Brasil, ficando atrás apenas da capital paulista e possui o maior parque de confecções da América Latina em sua categoria, o Moda Center Santa Cruz. A densidade demográfica é de 261,2 habitantes por Km<sup>2</sup> no território do município (IBGE, 2010).

Próximo dos municípios de Toritama, Caruaru e Taquaritinga do Norte, Santa Cruz do Capibaribe se situa a 57 km ao Sudeste de Caruaru a maior cidade nos arredores.

Figura 1 – Localização do município de Santa Cruz do Capibaribe – PE.



Fonte: [https://pt.wikivoyage.org/wiki/Santa\\_Cruz\\_do\\_Capibaribe](https://pt.wikivoyage.org/wiki/Santa_Cruz_do_Capibaribe), (2019)

A cidade de Brejo da Madre de Deus- PE (Figura 2) fica próxima de Santa Cruz, cerca de 41 Km de distância. No município de Brejo da Madre de Deus encontra-se localizado o icônico Teatro de Nova Jerusalém (Distrito de Fazenda Nova), neste Teatro a céu aberto se realiza a popular encenação da Paixão de Cristo de Nova Jerusalém. As coordenadas geográficas do município são: 08° 08' 45"S e 36° 22'

15"O, também localizado no agreste pernambucano, o último censo de 2010 registrou o número de 45.180 habitantes. O município fica distante da capital do estado em 204 Km, (IBGE, 2010).

Figura 2 – Localização do município de Brejo da Madre de Deus – PE.



Fonte: [https://pt.wikivoyage.org/wiki/Brejo\\_da\\_Madre\\_de\\_Deus](https://pt.wikivoyage.org/wiki/Brejo_da_Madre_de_Deus), (2019)

### *Tipo de Pesquisa*

A presente pesquisa é de cunho qualitativo evidenciando valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões (MINAYO; SANCHES, 1993), ainda se apresenta como um estudo exploratório, descritivo, de caráter transversal. Por propiciar maior familiaridade com o problema, descrever características de um determinado grupo da população ou fenômeno e permitir associações entre variáveis em determinado recorte temporal para os atores sociais pesquisados (GIL, 2008).

A pesquisa, primordialmente teve enfoque em aproximar a figura do vaqueiro com o conhecimento que eles apresentam sobre plantas medicinais e outros recursos utilizados no tratamento de lesões. Foi utilizada a técnica de entrevistas abertas e livres (MOURÃO; NORDI, 2006), em que os atores sociais tiveram liberdade em expressar sua vida no campo, de como aplicavam seus saberes fitoterápicos, zoterápicos entre outros, para consigo e nos animais. Seguidamente, foi aplicado questionário com a finalidade de coletar os dados sociais dos vaqueiros.

### *Crêterios de Inclusão e Instrumento de Coleta de Dados*

Determinou-se como principal critério de inclusão que o vaqueiro deveria ter idade acima de 30 anos, tal critério buscou estabelecer por parte desse ator social um conhecimento sobre o viver do vaqueiro. Outro critério utilizado na escolha dos atores sociais foi uma experiência de práticas de vaquejada acima de 10 anos, de modo que se pudesse apreender dos saberes dos vaqueiros em vaquejadas e pegas de boi que revelassem práticas culturais tradicionais, bem como atividades mais recentes do ofício do vaqueiro.

As conversas com os vaqueiros eram realizadas de forma individualizada, para que não interferisse no resultado da pesquisa. As entrevistas eram baseadas na espontaneidade e as famílias dos vaqueiros poderiam estar livres para contribuir com algum conhecimento relacionado ao tema. Os questionários foram aplicados aos vaqueiros com seus respectivos dados sociais. E uma indaga o, sobre seus conhecimentos do uso de fitoterápicos ou outros recursos, em animais que apresentavam lesões decorrentes de esporte de vaquejada.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### *Relatos Etnográficos*

Os textos abaixo trazem os relatos de sete vaqueiros entrevistados. Estes atores sociais, considerados especialistas em suas localidades revelaram em suas falas suas vivências no ofício, suas representa es e práticas e suas rela es com o saber apreendido para tratar a se próprio e os animais que se ferem durante as buscas nas matas dos sertões nordestinos ou em festas de aparta o.

#### **Ronaldo B. da Silva (57 anos), Santa Cruz de Capibaribe, vaqueiro há mais de 30 anos**

As plantas que mais seu Ronaldo utiliza para tratar afec es no gado são: *Mimosa tenuiflora* (Willd.) Poir (jurema preta), *Anacardium occidentale* L. (cajueiro roxo) e *Maytenus rigida* Mart. (bom nome).

“A casca da jurema preta e do cajueiro roxo faz o chá e depois mergulha o pano e passa no animal” (SILVA, 2019).

#### **Leonardo de Sousa Andrade (Leonardo aboiador – 42 anos), Santa Cruz de Capibaribe, vaqueiro a mais de 30 anos**

As plantas que mais seu Leonardo utiliza para tratar afecções no gado são: *Poincianella pyramidalis* (Tul.) L. P. Queiroz (catingueira) e *Aloe vera* (L.) Burm. (babosa) e *Pilosocereus gounellei* (A. Webwr. ex K. Schum.) Bly. ex Rowl. (alastrado). Sobre estas plantas seu Leonardo afirma que:

Eu já nasci dentro do curral praticamente. Desde criancinha eu luto com bicho entendeu? Aí corro no mato, corro na pista de vaquejada também. E a rapa de catingueira, a gente usa quando um animal se corta no mato, e de última hora não tem outro remédio, a gente rapa a catingueira, bota em cima e estanca o sangue ou o cabelo dele mesmo. A babosa já usei muito quando um animal se “estrepa”, fica pedaço de pau dentro, a gente bota o “impastro” da babosa, entendeu? Ai aquilo vai puxando até que sai o pedaço de pau. Quando um animal se “espinha” com o espinho de “lastrado”, a gente abre o pé de “lastrado” e passa a “baba” em cima também que puxa os espinhos, é muito bom, é muita coisa, muita coisa mesmo (ANDRADE, 2019).

#### **Aleixo Barbosa da Silva (Leu – 47 anos), Santa Cruz do Capibaribe, vaqueiro a 47 anos**

Seu Leu faz uma garrafada de *Bixa orellana* L. (colorau). Utiliza para tratar machucado nos animais as plantas *M. tenuiflora* (Willd.) Poir (jurema preta), *M. rigida* Mart. (bom nome), *A. vera* (L.) Burm. (“baba” da babosa) e *Sideroxylon obtusifolium* (Humb. ex Roen. & Schult.) T. D. Penn. (quixabeira) “baba” *P. gounellei* (alastrado).

Em sua fala seu Leu diz que:

Só tira a casca e a entrecasca da planta do lado que o sol nasce e não tira a casca em beira de estrada, porque não presta. A rapa de catingueira e a babosa estanca o sangue e para a inflamação, aí aplica na direção do cabelo se não nasce arrepiado (SILVA, 2019).

#### **Manoel Adeilson B. da Silva (Ovelha aboiador – 36 anos), Santa Cruz de Capibaribe, vaqueiro a 26 anos**

Seu Manoel não citou o uso de plantas no tratamento de animais mas contribuiu com uma estrofe da sua música:

Às vezes chega machucado/ das pancadas que levou/ mas não procura hospital/ele mesmo é o doutor/ que vaqueiro não se “enrasca”/ faz o remédio da casca/ do pau que o machucou (SILVA, 2018).

#### **Inácio Mota da Silva (67 anos), Santa Cruz de Capibaribe, vaqueiro a 57 anos**

Seu Inácio Mota costuma usar várias plantas e outros recursos naturais para tratar afecções nos animais, destacando aqui a “rapa” da casca de *Manihot glaziovii* (Mull. Arg.) Allem. (maniçoba), utilizada para cortar o sangue, “rapa” das cascas de *P. pyramidalis* (catingueira), *Ximenia americana* L. (ameixa), de *M. tenuiflora* (água de jurema preta), *A. occidentale* (água de cajueiro roxo) e “baba” de *A. vera* (babosa) e “baba” *P. gounellei*

(alastrado). São também usadas no tratamento dos animais pedra branca (xexo branco) “banhas” de *Bufo* sp. (sapo), *Crotalus durissus* L. (cascavel) e *Tupinambis* sp. (tejú).

As cascas de *Commiphora leptophloeos* (Mart.) J. B. Gillett (imburana de cheiro), *Hymenaea courbaril* L. (jatobá) e *Dipteryx odorata* (Aubl.) Willd. (cumarú) foram ainda citadas em tratamentos.

A rapa de maniçoba usa pra cortar o sangue. Para cicatrizar a ferida, coloca água de jurema preta ou de caju roxo ou da ameixa, bem curtida. A babosa cicatriza também. A rapa da catingueira, o cumaru e a casca de cedro ajudam a desinflamar o ferimento. Já para sair o espinho, corta o sapo na horizontal, tira a banha, colocando em cima do ferimento e enrola num pano e depois de 8 dias sai. A banha de teju, cascavel funciona também. A baba do alastrado puxa espinho também (SILVA, 2019).

### **Miguel Minerva Sobrinho (Miguel do leite-61 anos), Santa Cruz de Capibaribe, vaqueiro a 51 anos**

Seu Miguel citou várias plantas em preparações com água como: *M. tenuiflora*, *A. occidentale*, *M. rigida*, *X. americana*, *P. pyramidalis*, *A. vera*, *S. Obtusifolium*, *P. gounellei* e *Schinus terrebintifolius* Raddi (aroeira).

Águas de: bom-nome, quixabeira, ameixa, jurema-preta, caju roxo, aroeira, serve pra desinflamar a ferida. A babosa e catingueira ajuda na cicatrização. Para quebradura, muia o mastruz com leite. O interessante é que na fratura, a mistura do mastruz com leite, fica um anel verde (crença). Olhe eu já coloquei numa galinha o mastruz com leite por conta da quebradura, quando eu fui matar com um ano, tava o anel verde mesmo no lugar da fratura. Outra crença, é que não pode fazer cirurgia no animal na presença de mulher menstruada. Outra coisa boa pra quebradura é o breu, pisa e bota na água para o animal beber. O enxofre farelado, é muito bom para a quebradura também é só misturar na ração. A “babinha” do alastrado é ótima para “puxar” o espinho do próprio alastrado, esquenta a “babinha” enrola com o pano e faz compressa. O fê do boi é muito bom pra puxar o espinho, é só molhar o pano com o fê do boi e colocar no animal ou passa o fê do boi no ferimento e enrola com o pano (MINERVA SOBRINHO, 2019).

### **José Alves de Lira (Zuzu de bem bem- 72 anos), Santa Cruz de Capibaribe, vaqueiro há mais de 55 anos**

As plantas mais citadas por seu Zuzu de bem bem (como é mais conhecido) para o tratamento de machucados: *A. vera* (babosa), *S. obtusifolium* (quixabeira), *M. tenuiflora* (jurema preta), *A. occidentale* L. (cajueiro roxo), *P. gounellei* (alastrado), *Jatropha curcas* L. (leite de pinhão), *P. pyramidalis* Tul. (catingueira) *C. ambosioides* (mastruz). O vaqueiro

utiliza outros artifícios como recurso terapêutico como: chapéu de Baieta, o breu para a quebradura, o gás de candeeiro, banha de porco (*Sus scrofa domesticus*).

Usa os três juntos (quixabeira, jurema preta e cajueiro roxo) deixa curtir ou cozinhar para ajudar na cicatrização. Depois disso, passa a banha de porco, penteando o cabelo para não nascer assanhado. Para estancar o sangue, coloca leite de pinhão ou chapéu de baieta, cortando um pedaço do chapéu bem fininho e bota em cima que estanca o sangue. A rapa de catingueira também é bom para estancar sangue e amarra com um pano. Pra tirar espinho coloca a baba do alastrado. Para a quebradura é bom o breu! Amassa ele e coloca na ração ou o mastruz com leite que serve também (LIRA, 2019).

### **José Inácio Xavier (Zé de Inácio da Luz- 64 anos) Brejo da Madre de Deus, vaqueiro há mais de 51 anos**

Seu Zé de Inácio da luz costuma usar para o tratamento de lesões do gado os seguintes recursos: *S. terrebinthifolius* (aroeira), *M. tenuiflora* (jurema preta), *X. americana* (ameixa), *S. obtusifolium* (quixabeira), *A. occidentale* L. (cajueiro roxo), banha de sapo, *Ovis aries* (sebo de carneiro), *P. gounellei* (alastrado), *J. curcas* (leite de pinhão), breu, *Cucumis anguria* L. (maxixe), *Hemidactylus mabouia* (banha de lagartixa).

Para cicatrizar a gente usa aroeira, jurema preta, caju roxo, ameixa, quixabeira. Para tirar espinho, a gente coloca banha de cascavel, banha de sapo, banha da lagartixa, sebo de carneiro capado e a baba do lastrado, e pra corte a gente coloca leite de pinhão em cima. Já pra quebradura, a gente usa breu e o pé de maxixe. É melhor pegar no pé as que tem menos folha e que já estão maduras. Tritura no pilão raiz com tudo, coloca água, peneira e bebe (XAVIER, 2019).

Nos municípios de Santa Cruz e de Brejo da Madre de Deus, os vaqueiros interagem diretamente com a fauna, flora e ingredientes que a natureza oferece para o tratamento de lesões.

Os dados indicam que fatores socioeconômicos (renda, escolaridade e idade) propiciam os vaqueiros a utilizar meios naturais para recursos terapêuticos nos animais. O que pode ser evidenciado, por exemplo, pelo fato de que alguns atores sociais não têm condições financeiras para comprar remédios sintéticos ou na hora que o animal sofre a lesões, decorrente do esporte de vaquejada, para não perder o animal o vaqueiro utiliza de meios naturais para suavizar até chegar um profissional.

O grupo de animais citados pelos entrevistados foi relativamente proporcional aos fitoterápicos, salientando que a maioria dos recursos vegetais usados tem comprovação científica. Que substâncias contidas nestas plantas, têm o efeito cicatrizante em feridas, no qual a sua aplicação é desde tempos longínquos, quando eram utilizados plantas e extratos



vegetais, na forma de cataplasmas, com o objetivo de estancar hemorragias e favorecer a cicatrização, sendo muitas dessas plantas ingeridas, para atuação em via sistêmica (SILVA; MOCELIN, 2007).

Com relação às plantas medicinais, os achados mais importantes no presente estudo foram referentes a alastrado, ameixa, aroeira, babosa, bom nome, cajueiro, catingueira, cumaru, jurema preta, mastruz e quixabeira. Parte dos vaqueiros entrevistados indicaram essas plantas para o tratamento de feridas, contudo, nas bases de dados e literaturas consultadas, como em trabalhos de Leite (2015) e Chaves (2014), a utilização delas se dá sobre outros aspectos também.

Foram citadas variedades de plantas e outros recursos para tratamento de afecções, especialmente nos animais. *A. vera* (babosa) é referida entre os atores sociais entrevistados como cicatrizante em feridas, Bieskie e De La Cruz (2005) refere á espécie para tratamento de queimaduras e como cicatrizante de feridas, em estudo realizado sobre quintais medicinais na cidade de Cuiabá – MT. Os mesmos autores destacam também o uso da espécie *C. ambrosioides* (matruz) no tratamento de contusões e entorses, na pesquisa ora apresentada os entrevistados relataram o uso do mastruz em fraturas, resultado que corrobora com as análises em estudos acima referidos.

O *P. gounellei* (alastrado) e *M. tenuiflora* (jurema preta) foram as mais citadas pelos entrevistados para a cicatrização de afecções nos animais. A função da *P. gounellei* é induzir que o espinho que adentrou na pele do animal ou do vaqueiro seja expulso, segundo os entrevistados. Na pega de boi é muito comum acontecer, visto que esse esporte ocorre nas entranhas da caatinga. Entretanto, Nascimento (2016) afirma que para a espécie *P. gounellei*, não se encontram registros de indicação como cicatrizante em feridas.

Para *M. tenuiflora* (jurema preta), Tellez e Dupoy de Guitard (1990) relataram o uso no tratamento tópico do eczema (concentração de 10%), bem como contra as inflamações (como um pó produzido a partir da casca seca) nos seres humanos. Em um experimento semelhante, o uso da casca seca de *M. tenuiflora* mostrou-se eficiente na cicatrização de feridas (DUPOY DE GUITARD, 1990). Estudos farmacológicos demonstraram que as partes aéreas da planta possuem propriedades anti-inflamatórias (SANTANA, 2012). Todos esses trabalhos mencionados contribuem em análises de estudos pretéritos com as espécies mencionadas pelos vaqueiros.

O *A. cearenses* (cumaru) tem como principais indicações terapêuticas o tratamento de defluxo, sinusite, coriza, tosse, bronquite, afecções pulmonares, dores reumáticas, inflamação

da garganta, asma, vitiligo, edema, perturbações digestivas, dor de barriga, cólicas intestinais e cólicas uterinas (SOUZA; RODRIGUES, 2016). Contudo, a espécie é também indicada em processos de desinflamação e edemas, auxiliando no tratamento das lesões (SOUZA; RODRIGUES, 2016), confirmando algumas informações apresentadas por vaqueiros, nessa pesquisa.

A espécie *M. rigida* (bom-nome), é referida pelos atores sociais entrevistados para uso em feridas como cicatrizante, entretanto, Lima (2010), em pesquisa sobre a ação cicatrizante da espécie para tratamento de afecções na pele, utilizando a aplicação tópica do extrato etanólico da casca nas doses de 3, 10 ou 30 mg/0,4 mL de creme Lanette, 2 vezes ao dia, não constatou atividade cicatrizante significativa após 48 h da indução da ferida em ratos, ou seja, não foi capaz de aumentar a tensão de abertura das cicatrizes na pele dorsal de ratos. O que se pode observar, é que muitas vezes o saber popular não necessariamente se coaduna como o saber da academia e que as crenças tradicionais se mantêm nos grupos pela força própria da tradição.

As cascas de *S. terrebinthifolius* (aroeira) e do cajueiro servem para a cicatrização de feridas. A casca da aroeira é usada como anti-inflamatório e cicatrizante natural (CARMELLO-GUERREIRO; PAOLI, 1999). A casca da *A. occidentale* (cajueiro) tem efeito cicatrizante. Estudos em animais demonstraram a ação anti-inflamatória e cicatrizante da *A. occidentale*, em que as lesões foram reduzidas até a cura total, sem qualquer evidência de efeitos colaterais ou reações adversas (SCHIRATO, 2006; PAIVA, 2013), corroborando com as afirmações dos vaqueiros para com tratamento das afecções.

A *S. obtusifolium* (quixabeira) é referida entre os vaqueiros entrevistados como cicatrizante em feridas, Leite (2015) refere à espécie com o efeito anti-inflamatório e antioxidante, em estudo realizado sobre atividades cicatrizantes, pesquisa desenvolvida no município de Canindé de São Francisco - SE. Os vaqueiros destacam também a *X. americana* (ameixa) para a cicatrização, assemelhando-se a estudos de Chaves et al., (2014), que afirmam ser a espécie, uma planta amplamente utilizada em todo o Brasil para o tratamento de doenças inflamatórias e cicatrização de ferimentos cutâneos.

Algumas das espécies botânicas citadas pelos entrevistados já figuram em estudos científicos como importantes no tratamento de doenças, estes dados revelam a necessidade de se buscar nas fontes os recursos utilizados por grupos tradicionais para desenvolver pesquisas na produção de novas substâncias ativas, que fomentem as indústrias químicas e farmacêuticas.

## **CONCLUSÕES**

Os atores sociais que compuseram o recorte amostral desta pesquisa fazem largo uso de plantas, animais e outros recursos para tratar dos animais que se machucam durante as pegadas de boi.

As plantas são os recursos mais comumente utilizados quando necessário. As cascas das plantas colocadas em água representam a forma de manipulação mais comum entre os entrevistados, tanto para ingestão quanto para uso tópico.

As banhas de animais se constituem ainda grande recurso nos tratamentos de afecções registradas pelos vaqueiros entrevistados.

## **AGRADECIMENTOS**

A todos os vaqueiros que contribuíram com os seus saberes para a construção desta pesquisa, nossos agradecimentos.

## REFERÊNCIAS

- Associação Brasileira de Vaquejadas (ABVAQ), p.16 Disponível em: <http://www.abvaq.com.br/institucional/regulamento>. Acesso em: 15 jun, 2019.
- BIESKE, I. G. C.; DE LA CRUZ, M. G. **Quintais Medicinai**s – Mais saúde, menos hospitais. Cuiabá – MT: Governo do Estado do Mato Grosso, 44p. 2005.
- CARMELLO-GUERREIRO, S. M.; PAOLI, A. A. S. Morfologia e anatomia da semente de *Schinus terebinthifolius* Raddi (Anacardiaceae) em desenvolvimento. **Revista Brasileira de Botânica**, v. 22, n. 1, p. 91-98, 1999.
- CHAVES, E. M. F et al., Um olhar sobre *Ximenia americana* L. e suas potencialidades. **Acta Tecnológica**, v. 9, n. 1, p. 70-77, 2014.
- FREIRE, G. **Nordeste. Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do nordeste do Brasil**. 4ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- IBGE. Censo demográfico. Brejo da Madre de Deus. Infográficos. Evolução populacional e pirâmide etária. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/brejo-da-madre-de-deus/panorama>. Acesso em: 15 jun 2019.
- IBGE. Censo demográfico. Brejo da Madre de Deus. Infográficos. Evolução populacional e pirâmide etária. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/santa-cruz-do-capibaribe/panorama>. Acesso em: 15 jun, 2019.
- IBGE. Cidades. População Estimada. Município de Santa Cruz do Capibaribe – PE, 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/santa-cruz-d-capibaribe/panorama>. Acesso em: 30 set, 2019.
- LEITE, N. S. et al. Avaliação das atividades cicatrizante, anti-inflamatória tópica e antioxidante do extrato etanólico da *Sideroxylon obtusifolium* (quixabeira). **Revista Brasileira de Plantas Medicinai**s, Campinas, v.17, n.1, p.164-170, 2015.
- LIMA A. P et al. Avaliação da atividade cicatrizante do extrato etanólico da casca da *Maytenus rigida* Mart. (Celastraceae). **Scientia Plena**, v. 6, n. 3, p. 4601, 2010.
- MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**, n. 9, v. 3, p. 239-262, 1993.
- MOURÃO, J. S.; NORDI, N. Pescadores, Peixes, Espaço e Tempo: uma abordagem etnoecológica. **Interciência**, v. 31, p. 358-363, 2006.
- IBGE. Município de Santa Cruz Do Capibaribe-Pe. 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pe/santa-cruz-de-capibaribe>. Acesso em: 15 mai, 2019.
- NASCIMENTO, M. W. A; VERÍSSIMO, R. C. S. S; BASTOS, M. L. A; BERNARDO, T. H. L. Indicações de plantas medicinais realizadas por raizeiros para tratamento de feridas. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. 2016.
- QUEIROZ, W. Bahia e vaqueiros: Um débito. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, v.17, p.71- 84, 2010.
- RIBEIRO, E. M. Vaqueiros, bois e boiadeiros: trabalho, negócio e cultura na pecuária do nordeste mineiro. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v. 6, n.1, p. 135 – 164, 1998.
- ROQUE A. A et al., Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (Nordeste do Brasil). **Revista Brasileira de Plantas Medicinai**s; v. 12, n. 1, p. 31-42, 2010.
- SANTANA, D. G. Beneficial effects of the etanol extract of *Caesalpinia pyramidalis* on the inflammatory response and abdominal hyperalgesia in rats with acute pancreatitis. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 142, p. 445-455, 2012.
- SCHIRATO, G. V. Application of the polysaccharide from cashew gum in the rehabilitation of experimental cutaneous lesions in mice. Caxambu, Minas Gerais. **Anais[...]** São Paulo:

Sociedade Brasileira de Bioquímica e Biologia Molecular; 2003. p.100. *In*: Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Bioquímica e Biologia Molecular, 2003.

SILVA, D. M; MOCELIN, K. R. O cuidado de enfermagem ao cliente portador de feridas sob a ótica do cuidado transcultural. **Nursing** (São Paulo), v. 9, n. 105, p. 8188, 2007.

SOUZA, D. R; RODRIGUES, E. C. A. M. S. Plantas medicinais: indicação de raizeiros para o tratamento de feridas. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 29, n. 2, p 197-203, 2016.

Tellez, P. J; DUPOY DE GUITARD, J. Pharmaceutical preparation containing Mimosa tenuiflora extract with skin-regenerating properties. **European Patent Office**, v. 349, p. 469, 1990.